

Rizoma na Linha Vermelha: A Arte para a Cidade

Sessão Temática 2: A cidade como campo ampliado da arte

Autores

Vladimir Santos Oliveira

Artista plástico e arte-educador com graduação em Licenciatura em Desenho e Plástica pela Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia. Realizou pesquisa acadêmica, Edital PIBIC-UFBA 01/2005 integrando o grupo de pesquisa HCEL-História da Cultura Corporal, Educação e Sociedade na Faculdade de Educação-UFBA, sendo contemplado com bolsa pela FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia) pelo período de dois anos (2005-2007), nas seguintes áreas temáticas: Cultura Corporal, Arte e educação não-formal, cultura popular e arte-inconsciente. Atualmente realiza trabalhos colaborativos junto a este grupo, além de atuar como artista visual e arte-educador.

Endereço

Rua Ladeira dos Afritos, N°. 64, Edifício Gabriel Soares, Ap:305, Dois de Julho, Cep: 40060-046, Salvador-Bahia.

Tel (s): (71) 3329-4383/8148-3551

Contato eletrônico: vladso@hotmail.com

vladimir.santos.oliveira@gmail.com

www.vladimir-santos-oliveira.blogspot.com

Joelma Félix Brandão

Artista plástica, ilustradora e arte-educadora com formação em Licenciatura plena em Educação Artística (habilitação em artes plásticas) pelo Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo, e pós-graduação em Fundamentos do Ensino da Arte pelo Instituto Segmento-Faculdade de Arte do Paraná.

Endereço

Rua Domingos Caetano, N°. 4, Barbalho, Salvador-Bahia.

Tel (s): (71) 3243-7339/3234-5481/8851-0870

Contato eletrônico: jofelixs@hotmail.com

jofelixs@gmail.com

Rizoma na Linha Vermelha: A Arte para a Cidade

Sessão Temática 2: A cidade como campo ampliado da arte

Resumo

A intervenção “Rizoma na Linha Vermelha” consistiu numa in(corpo)ração ao trabalho do artista Mineiro Dácio Bicudo. A obra exposta durante o 14º Salão da Bahia foi composta por uma linha vermelha com 10 cm de largura e 3 km de extensão, onde foram escritos nomes de artistas brasileiros conhecidos no cenário artístico contemporâneo. A idéia do trabalho “Rizoma na Linha Vermelha” surgiu durante a oficina “Arte e Filosofia” realizada no MAM, a partir da aproximação com o conceito de Rizoma desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guatarri. Incorporando a noção de multiplicidade desenvolvida neste pensamento, incluímos na linha vermelha rizomas, ramificações que se multiplicam pela cidade não apenas rasteiramente pelas ruas, mas atingindo outros espaços, acrescentando nomes de artistas plásticos sem visibilidade no cenário artístico baiano e brasileiro. As reflexões mediadas por esse processo artístico e o conceito filosófico supracitado serão os focos de atenção do presente artigo.

Palavras-Chave

Arte; Cidade; Arte Urbana; Filosofia; Rizoma

Introdução

Durante o período de Setembro a Dezembro de 2007 participamos de uma oficina realizada no MAM-Museu de Arte Moderna da Bahia, intitulada “Arte e Filosofia”, ministrada pela artista plástica Virginia de Medeiros e a arquiteta urbanista Silvana Olivieri. A proposta foi discutir temas pertinentes a Arte e a Filosofia e suas imbricações, ambas com recorte na contemporaneidade. Partindo de discussões teóricas, a oficina se desenvolveu tendo como suporte bibliografia específica e selecionada de ambas áreas, acrescida de recursos visuais (filmes, vídeos, documentários, obras de arte)¹. O corpo conceitual privilegiado na oficina concentrou-se na produção do filósofo francês Gilles Deleuze, com enfoque nas noções de “Rizoma” e obra de arte como um “bloco de sensações”, desenvolvidas em colaboração com Félix Guattari.

Em Dezembro deste mesmo ano foi aberto o 14º Salão do MAM, evento artístico de porte nacional que se caracteriza como uma grande exposição que busca dar visibilidade a produção artística

¹ Foram exibidos e discutidos o filme “**Stalker**”, do cineasta russo Andrei Tarkovski, um vídeo do programa “**The South Bank Show**”, apresentando o artista Francis Bacon e o documentário “**À meia-noite com Glauber Rocha**”, com roteiro de Haroldo de Campos e direção de Ivan Cardoso.

contemporânea local e nacional. Alguns dias antes da abertura do Salão, fomos surpreendidos com uma linha vermelha que se desenvolvia pela Ladeira dos Aflitos em direção a Av. Sete, região localizada no centro da cidade de Salvador. Imaginávamos que se tratava de uma intervenção artística embora não houvesse nenhum elemento que identificasse a linha como um trabalho de arte. Também não era possível identificar onde a linha começava e terminava. Dois dias se passaram e para nossa surpresa a linha se apresentava preenchida por uma série de nomes em cor branca. Esses nomes apontavam artistas e outros profissionais vinculados à arte contemporânea brasileira. Na noite de abertura do 14º Salão do MAM ficou confirmado que aquela era uma das obras selecionadas, sendo possível identificar também sua origem, nas paredes externas das salas de exposição do museu, se deslocando para a rua.

Trânsitando pelo centro da cidade e deparando-se diariamente com a linha vermelha, uma dupla inquietação era crescente: o desejo de intervir na obra, paralelo as reflexões propiciadas pela oficina. Para nós, era a oportunidade de aprofundar conceitos, concretizá-los em imagem. Esboçando esquemas, refletindo conceito e imagem, chegamos a uma proposta de intervenção na obra, um trabalho de incorporação na Linha Vermelha. As relações possíveis entre os campos da Arte e Filosofia, o conceito de Rizoma e a intervenção urbana Rizoma na linha vermelha, pensada e aplicada a partir destas reflexões, serão os próximos pontos de discussão do texto.

Da árvore a erva: o pensamento rizomático

“Muitas pessoas têm uma árvore plantada na cabeça, mas o próprio cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore” (Deleuze e Guattari, 1995, p.24).

A expressão “multiplicidade” permeia todo o corpo conceitual desenvolvido pelo filósofo francês Gilles Deleuze que ao longo de sua atividade filosófica, ocupou-se de tecer os fios de uma “filosofia prática”, “*popfilosofia*”, conforme afirmou Deleuze, uma “filosofia da diferença”. Vinculado aos denominados movimentos pós-estruturalistas, suas teorias acerca da diferença e da singularidade nos desafiam a pensar em temas como rizoma, ontologia da experiência, a teoria do que fazemos, a virtualidade e a atualidade. Deleuze, assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas intersecções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. Trata-se de uma filosofia do acontecimento, uma filosofia da multiplicidade, cujas bases rompem com a filosofia do sujeito, da consciência.

Para Deleuze, pensar é experimentar, problematizar, criar. Neste sentido, seu exercício de pensamento acontece num esforço em tornar a filosofia livre da noção de identidade, dicotomias, maniqueísmos, favorecendo o conectivo “e”, as intersecções, os processos de formação, uma filosofia elaborada a partir do acontecimento e sua atualização. É importante, então, introduzir aqui o conceito de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995), conceito este retirado da biologia e utilizado para descrever uma forma de pensamento que **desconsidera a centralização, a hierarquia e a dicotomia, como prevaletentes, e que, de fato, incorpora o múltiplo, a multiplicidade**. Caracterizado como um sistema a-centrado, não hierárquico, um rizoma é um “*traçar de linhas*” que conectam bulbos de diferentes naturezas sem, no entanto, definir pontos e posições. Esses bulbos não são unidades, mas dimensões que, ao serem alteradas, mudam a natureza do próprio bulbo; são multiplicidades. Opõe-se à árvore, estruturada, centralizada, enraizada.

Pode-se dizer, talvez sem muitos equívocos, que o conceito de rizoma reúne e amplia idéias que foram sendo desenvolvidas também por outros filósofos ao longo do século passado, e que se contrapunham ao pensamento binário ou mesmo do tipo raiz-fasciculada, do qual se valeu de “bom grado”, a modernidade. Segundo Deleuze e Guattari

“a lógica binária da dicotomia e das relações biunívocas é incapaz de compreender a multiplicidade, e o sistema-radícula (ou raiz fasciculada), apesar de ter eliminado a raiz principal e ter introduzido uma multiplicidade imediata, não deixa de manter a unidade da raiz principal como passada ou por vir, como possível. (1995, p. 14)

Ao apresentar certas características aproximativas do rizoma”, Deleuze e Guattari (1995) abordam, entre outras, a **conexão e heterogeneidade, características que garantem a qualquer ponto do rizoma o poder – e o dever – de ser conectado a qualquer outro, diferentemente da árvore, que fixa um ponto, uma ordem**. Nessa conexão, cadeias semióticas de diferentes naturezas são conectadas por também diferentes modos de codificação, “*colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas*” (Deleuze e Guattari, p. 15).

O modo de existir do ser humano parece que se dá, então, da seguinte forma: um pensamento rizomático – ou um funcionamento cerebral que assim se faz – interagindo com um mundo de multiplicidades, que se limita por ações motoras funcionais finitas, hierarquizadas, centralizadas, repetitivas e repetidoras, encadeadas, e que podem resultar numa ação-pensamento também limitada e limitante. Há, no entanto, uma forma de mover-se que desestabiliza essas limitações, que as redireciona, que as transforma em novas possibilidades, que as expõe, que busca incorporar a multiplicidade. Sobre o caráter de multiplicidade, afirma ainda Deleuze e Guattari:

É preciso perceber que o rizoma engloba, também, de certa maneira, o limite. O bulbo é um limite, com a especificidade de que esse bulbo/limite não constitui uma unidade de medida. Não há unidades de medida no rizoma, apenas multiplicidades ou variedades de medidas (Deleuze e Guattari, 1995, p. 17).

Assim, com o desenvolvimento do conceito de rizoma, Deleuze e Guattari engendram uma revisão substancial e vigorosa na forma de pensamento dominante e que persiste, até então, centrada na noção de sujeito, e que parte de relações e posicionamentos dicotomizantes frente a reflexão e a prática, uma forma de pensar fixada, pontual, aos modos da arborescência. O conceito de rizoma, ele mesmo, já se configura como o exercício de um pensamento rizomático, visto que em sua matriz construtiva ele se define a partir do cruzamento de diversos campos do saber, sem esboçar predileção por um em detrimento de outro. Ao contrário disso, Deleuze e Guattari transitam por esses campos, caracterizando e confrontando essas linhas de pensamento num exercício constante de flexibilidade, exercitando o que podemos denominar de *“plasticidade dos conceitos”*, uma espécie de modelagem, situando cada um em suas especificidades, e traçando as linhas de *“atravessamento-correspondência”* entre estes e o pensamento rizomático. É assim que esta *“forma”* de pensamento brota como erva e nasce exatamente de um *“espalhamento-envolvimento”* heterogêneo com essas outras áreas.

Acreditamos que esse conceito seja também de extrema importância para o pensar e fazer artístico, que se configura também como um exercício de pensamento. Foi a partir de um encontro com essa forma de pensamento que a intervenção *“Rizoma na Linha Vermelha”* foi pensada, e onde se tornou possível traçar suas *“linhas”* de definição. A visualidade, a plasticidade, as sensações experimentadas por esse *“conceito-imagem”*, potencializaram o desejo de realização da intervenção. Essa experiência e sua relação com o pensamento rizomático serão os próximos temas de discussão do texto.

Da *“linha contínua”* aos *“ramos/bulbos”*: A intervenção Rizoma na Linha Vermelha

“Nomes de artistas e outros profissionais vinculados à arte contemporânea brasileira se perfilam em uma linha vermelha que cruza Salvador. Em direção ao mar, a lista promove a interação entre cidade, homem e museu”.

(News Mam, 2007)

O trecho acima refere-se a obra *“Linha Vermelha”* do artista mineiro Dácio Bicudo, selecionada no 14º Salão da Bahia. A obra é composta por uma linha vermelha com 10 cm de largura por 3 km, pintada sobre o asfalto, na qual foram escritos o nome de mais de 100 artistas plásticos e

profissionais vinculados a arte contemporânea brasileira. Partindo do chão do andar térreo do Solar do Unhão, ela atravessa a Avenida Contorno, sobe a Ladeira dos Aflitos, passa em frente ao Quartel, vira à esquerda na Avenida Sete, chega até a entrada do Elevador Lacerda, sumindo e aparecendo novamente em direção a Praça Cayru, na Cidade Baixa. Inserindo-se como um elemento estranho na paisagem urbana, a linha vermelha causou estranhamento e curiosidade, sendo confundida por muitos como uma espécie de nova faixa de trânsito. Também os nomes escritos sobre a linha eram de desconhecimento da maioria dos transeuntes, como afirmou ao Jornal A Tarde (Mês 01/2008), por exemplo, Alba Cristiane Costa, 30 anos, assistente social que caminhava pelo bairro das Mêrces, declarando que não conhecia nenhum dos nomes que leu sobre o asfalto, e garantido que se tivesse tempo seguiria para ver onde iria dar a linha vermelha. A intervenção promoveu curiosidade mas também a inquietação de órgãos públicos, particularmente do órgão responsável pela fiscalização e manutenção do trânsito na cidade de Salvador, a Superintendência de Engenharia de Tráfego (SET), afirmando que a obra não poderia permanecer porque atrapalharia o trânsito. Isso se deve ao fato de que a linha vermelha é geralmente utilizada como sinalização de ciclovias. Em resposta a discussão, o artista destacou o sentido da proposta fazendo a seguinte declaração;

“...é a participação da arte contemporânea na vida. Eu pretendo que a Linha Vermelha continue até o fim do Salão, em 17 de fevereiro. Se eu tiro, a obra morre. Não faz sentido ficar somente dentro do Museu. A proposta é criar um diálogo com a população”.

(Jornal A Tarde, 2007)

Finalmente, depois de diálogos entre o MAM, a SET e o artista, a obra permaneceu exposta, inclusive durante o carnaval, e ainda pode ser vista em alguns trechos do centro da cidade.

Paralelamente ao debate estabelecido em torno da obra, e concluída a oficina de arte e filosofia realizada no MAM, estávamos inquietos com o desejo de incorporar uma intervenção à linha vermelha. Após um aprofundamento nos conteúdos abordados na oficina, pensávamos como poderíamos elaborar uma proposta que pudesse acolher o conceito de rizoma e foi assim que conseguimos desenhar um plano de intervenção intitulando posteriormente, digo depois da ação propriamente dita, de “Rizoma na Linha Vermelha”. Durante as discussões sobre a concepção da proposta, refletíamos de que maneira este trabalho se apresentaria como uma ação que evidenciasse uma intenção para além da noção de “apropriação” do trabalho do artista, mas que se configurasse enquanto algo por nós definido como “*intervenção-incorporação*”. Essa posição não perderia de vista a noção de rizoma, que segundo Deleuze e Guattari (2000) representa “aliança”, unicamente aliança. Partindo desse apontamento nosso plano conseguiu ganhar corpo, se definindo a partir dos seguintes objetivos:

- Criar “bulbos” múltiplos que se ligassem a faixa unilateral, a obra “Linha Vermelha”;

- Incluir “ramos”, “pequenos afluentes”, “linhas de conexão” a partir de qualquer ponto da linha vermelha, interferindo na sua característica linear e contínua;
- Inserir nomes de artistas plásticos não evidentes no cenário artístico baiano e nacional;
- Preservar características originais da obra do artista. A “intervenção-incorporação” será realizada com os mesmos materiais ou próximos aos utilizados pelo artista;
- Inserir os ramos pintados com “tinta vermelha” e os nomes com “tinta branca”.

No final da tarde do dia 2 de janeiro de 2008, saímos de casa munidos dos seguintes materiais: uma lata de 900ml de tinta acrílica para piso (cor vermelha), um frasco de tinta spray (cor branca), trinchas, gabaritos de papel feitos artesanalmente com os nomes dos artistas e duas câmeras fotográficas² para registro do processo.

Outra questão que foi motivo de impasse e reflexão era o local onde executaríamos a ação, tendo em vista a extensão da faixa. Decidimos que a obra deveria se localizar o mais próxima possível do acesso ao MAM, exatamente o ponto de origem da linha vermelha do artista. Assim, a obra foi instalada na subida dos Aflitos, região próxima ao semáforo que compreende as duas pistas da Av. Contorno, “*entre*” dois canteiros de concreto com plantas. Iniciamos a ação no cair do tarde, quase sem luz natural, começando pelo traçado dos bulbos/afluentes com a tinta vermelha, aplicando em seguida os nomes dos artistas com o auxílio do gabarito de letras e da tinta spray branca. Durante a ação era possível notar as reações dos transeuntes, esboçando curiosidade e indiferença. Também sofremos algumas abordagens mais explícitas, por exemplo de um homem que se aproximou interrogando; “*O que vocês estão fazendo? Isso não é um trabalho de arte? Vocês estão destruindo o trabalho dos outros... Isso não é certo...*” (pedreste). Nos sentimos acuados, tendo em vista que ele demonstrava um profundo incômodo e até ameaçou chamar a polícia caso continuássemos o trabalho. Depois de mais ou menos 10 minutos de instabilidade, esse homem se retirou conversando ao celular, não sabemos ao certo se verdadeiramente ele estava falando com alguém ou encenando, demonstrando estar falando com a polícia.

As abordagens eram crescentes. Pessoas querendo saber o significado da linha vermelha, quem eram aqueles com os nomes nas faixas, sendo que a maioria demonstrava desconhecimento que se tratava de profissionais ligados a produção artística contemporânea brasileira. Gostaríamos de destacar uma abordagem bastante significativa por parte de um homem, afirmando que não sabia que aquele “*espaço lá embaixo*”, como ele falava se referindo ao MAM, era um museu. Ele lançava questões como; “*Qualquer um pode entrar?*”, “*É preciso pagar?*”, “*É apenas para turistas?*”, fazendo com que refletíssemos sobre a relação “*museu-homem-cidade*” e em que medida os museus ainda transmitem a impressão de um espaço destinado a intelectuais especializados, um público específico que inclui acadêmicos e artistas, um espaço imaculado, antigo, sagrado e com público seletivo. Isso quando não é visto apenas enquanto um espaço de

² Toda ação foi documentada pelo artista visual e fotógrafo baiano Péricles Mendes.

visitação turística, aspecto que se acentua no caso específico do MAM devido a sua localização geográfica e por se tratar de uma área com um cenário paisagístico privilegiado e que comumente recebe turistas. Por último, fomos abordados por alguém que de dentro de um automóvel, falou: “O que vocês estão aprontando em...?”. Dias depois descobrimos que se tratava de uma funcionária do MAM. Talvez isso contribuiu para que as notícias sobre a intervenção chegassem até o museu, sendo divulgada na Internet. Passaram-se algumas semanas até que encontrássemos as primeiras evidências de repercussão da intervenção. Acessando a web site³ do Mam, fomos surpreendidos pela seguinte nota:

“Em uma ação de livre iniciativa, alunos da Escola de Belas Artes da UFBA realizaram uma apropriação artística da intervenção urbana ‘Linha Vermelha’, do artista mineiro radicado em São Paulo, Dácio Bicudo. A obra que integra o 14º Salão da Bahia, em exposição no MAM desde 18 de dezembro, já vem causando alguns impactos no cotidiano da cidade, pois rompe as barreiras do Museu e invade o tecido urbano de Salvador. Com 10 cm de largura e 3 km de extensão, a linha, na qual estão escritos os nomes de 100 artistas plásticos brasileiros, atravessa a Av. Contorno, sobe a Ladeira dos Aflitos, passa em frente ao Quartel da Polícia Militar, segue pela Av. Sete de Setembro, desce o Elevador Lacerda e chega a Praça Cayru. A apropriação dos alunos da EBA foi realizada, em frente à entrada do Solar do Unhão, na subida dos Aflitos. O grupo criou ‘afluentes’ da Linha Vermelha e acrescentou mais nomes de artistas plásticos baianos”.

(News MAM 006, 2008)

Isso demonstrava que de alguma forma a intervenção tinha ocupado a pauta de notícias do museu e que assim poderia chegar ao conhecimento de um maior número de pessoas.

A “*intervenção-incorporação*”, conforme definimos, ainda pode ser claramente vista no local onde foi instalada e na verdade da faixa inteira é o trecho que mais permanece visível, devido ao fato da área onde está localizada não ser de grande circulação de pedestres e veículos. Outros trechos da linha vermelha permanecem visíveis apenas na forma de vestígios, evidenciando o caráter perecível, comum aos trabalhos de arte instalados no espaço público.

Antes da Linha Vermelha, não se tem evidência de nenhum outro trabalho de arte pública de tamanho impacto e expressão em Salvador, capturando a atenção dos cidadãos, inclusive de pessoas alheias ao campo das artes visuais. Por sua característica material, se tratando de uma faixa elaborada com um excelente acabamento plástico, a obra pôde ser facilmente confundida com uma faixa de trânsito, aspecto que contribuiu significativamente para a abertura da discussão em torno da obra, inclusive de sua permanência ou não no tecido urbano de Salvador. Já as implicações conceituais e reflexivas engendradas tanto pela obra “linha vermelha” como pelo

³ O link de acesso a web site do Mam é www.mam.ba.gov.br.

intervenção “rizoma na linha vermelha”, abrem um campo de possibilidades de discussão em torno do “lugar” e “papéis/funções” da arte, bem como acrescenta nos debates emergentes em torno da produção artística contemporânea que se ocupa da chamada “arte pública” ou “arte no espaço público”. Entre as duas obras abrem-se uma miríade de sensações e reflexões acerca do papel da arte, também enquanto um exercício de pensamento. Ambas instalam “outras” percepções e sensações da cidade. Atualizam a possibilidade de uma vivência subjetiva e sensível da cidade, aproximando arte, cotidiano “e” vida.

BIBLIOGRAFIA

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro, Ed. 34, 2000.

_____ **Mil Platôs, Capitalismo e esquizofrenia.** 5 vols, Ed. 34, 1996-1999.

IMAGE (Entertainment). **ITV the South Bank Show: Francis Bacon.** 1985. 55min. Cor.

MAM, Salão do. **Intervenção Urbana “Linha Vermelha” ganha ‘apropriação’ de artistas baianos.** Salvador, 18 Jan. 2008. Disponível em: <http://www.mam.ba.gov.br/newsmam/006/>. Acesso em: 18 Jan. 2008.

TOPÁZIO (filmes). **Á meia-noite com Glauber Rocha.** 1997. 16 min. Cor. 35 mm.

TARKOVSKY, Andrei. **Stalker.** 1979. 163 min. Cor. Alemanha, União Soviética.

WEINSTEIN, Mary. **Superint. de Engenharia de Tráfego de Salvador quer retirar obra de arte da rua.** Salvador, 03 Jan. 2008. Disponível em: www.mapadasartes.com.br/setoresnn.php?artig=1&texid=28. Acesso em: 10 Jan. 2008.